

# Representações Sociais Identitárias Raciais em Universitários Africanos Residentes no Brasil

Helder Hemerson Lukelo

Elza Maria Techio

Anderson Pereira Mendonça

## RESUMO

Trata-se de um estudo descritivo, com o objetivo de analisar a estrutura das representações sociais identitárias raciais em universitários africanos residentes no Brasil. A representação social racial foi mensurada por meio do teste de evocação livre de palavra, utilizando dois termos indutores, “o que é ser preto no Brasil” e “o que é ser preto em África”, por meio de um questionário autoadministrado. Participaram do estudo 161 universitários de graduação e pós-graduação, nascidos no continente africano e residentes no Brasil. Para a análise lexográfica, de similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD), utilizou-se o *software* IRAMUTEQ. Os resultados revelam que as representações sociais identitárias raciais sobre ser preto no Brasil são predominantemente estruturadas em torno da percepção de estereótipos e experiências negativas vivenciadas no Brasil. Em contraste, as representações sociais identitárias sobre ser preto na África se configuram de maneira oposta, marcadas por autovalorização e expressões positivas. Os dados indicam que, apesar dos esforços para enfrentar o preconceito e o racismo, as representações sociais identitárias de estudantes africanos em intercâmbio sobre ser preto no Brasil são fortemente ancoradas em estereótipos negativos, reforçados pelo racismo estrutural.

*Palavras-chave:* Identidade racial, representações sociais, racismo, adaptação cultural.

## ABSTRACT

### Título: Social Representations of Racial Identity in African University Students Living in Brazil

This is a descriptive study aimed at analyzing the structure of racial Identity Social Representations in African university students residing in Brazil. The racial social representation was measured through a free word association test, using two inducing terms, what it means to be Black in Brazil and what it means to be Black in Africa, through a self-administered questionnaire. 161 undergraduate and graduate university students, born on the African continent and residing in Brazil, participated in the study. For the lexicographic, similarity, and descending hierarchical classification analyses, the IRAMUTEQ software was used. The results reveal that racial identity social representations about being Black in Brazil are predominantly structured around the perception of stereotypes and negative experiences lived in Brazil. In contrast, the social identity representations of being Black in Africa are configured in an opposite manner, marked by self-valuation and positive expressions. The data indicate that, despite efforts to combat prejudice and racism, the social identity representations of African exchange students about being Black in Brazil are strongly anchored in negative stereotypes, reinforced by structural racism.

*Keywords:* Racial identity, social representations, racism, cultural adaptation.

## Sobre os Autores

H. H. L.  
orcid.org/0000-0002-3703-9078  
Universidade Federal da Bahia  
(UFBA) – Salvador, BA  
helderlukelo@hotmail.com

E. M. T.  
orcid.org/0000-0002-8229-7674  
Universidade Federal da Bahia  
(UFBA) – Salvador, BA  
elzamt@ufba.br

A. P. M.  
orcid.org/0000-0001-6011-0146  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro,  
RJ  
ander-  
son.p.mendonca@hotmail.com

## Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



O Brasil, como consignatário do pacto global para uma imigração segura, ordenada e regular, firmado em Marrocos no ano de 2018 e seguindo as diretrizes da Lei de Imigração (n. 13.445, 2017), concebe visto a jovens africanos com a finalidade de estudos, negócios, turismo e refugiados. Ademais, segundo o Ministério das Relações Exteriores (2025), o Brasil possui vários acordos bilaterais entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), por exemplo, o Convênio de Graduação (PEC-G) e o Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), possibilitando o intercâmbio acadêmico de jovens de países africanos, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, para o Brasil a fim de se qualificarem em instituições de ensino superior.

Além dos programas oficiais de bolsas governamentais, empresas multinacionais, instituições religiosas e apoio econômico familiar têm desempenhado um papel fundamental na qualificação de jovens africanos no Brasil (Gusmão, 2011b). A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) tem como missão promover a integração do Brasil com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), particularmente os africanos, por meio da formação de recursos humanos. Em 2024, a Unilab recebeu mais de 1.325 africanos em intercâmbio acadêmico na região Nordeste. Atualmente, a Unilab abriga a maior comunidade acadêmica internacional de estudantes africanos no Brasil, destinando anualmente 30% das vagas aos países da CPLP (Lukelo, 2022).

A mobilidade humana envolve uma série de desafios, destacando os impactos psicossociais que compreendem o desenvolvimento de estratégias de adaptação e integração cultural por meio da socialização ao novo ambiente (Berry, 1992). A socialização, é entendida como uma modelagem deliberada e o treinamento consciente e ativo de indivíduos para se ajustarem aos valores, normas e expectativas de uma nova sociedade (Berry et al., 2011), permite a internalização de crenças coletivas e a construção de identidades híbridas (França, 2023).

A adaptação cultural, um componente-chave da aculturação, permite o ajustamento a diferentes condições socioculturais, especialmente no caso de migrações temporárias, como no intercâmbio estudantil (Birol, 2017). No Brasil, estudantes africanos enfrentam não apenas os desafios de adaptação a uma nova cultura e costumes, mas também o impacto do contexto histórico marcado pelo passado escravista, que perpetua desigualdades e conflitos latentes na sociedade. A experiência da migração é mediada por fatores como identidade cultural, adaptação psicológica e dinâmicas de pertencimento, sendo fortemente influenciada por processos de racialização e discriminação estrutural. Tal vivência torna mais visível a presença de estereótipos, preconceitos e discriminação racial, levando muitos desses estudantes a se engajarem em debates sobre essas

questões, mesmo sem um contato prévio com tais problemáticas em seus países de origem (Souza & Malomalo, 2016). Nesse sentido, a perspectiva intercultural tem sido fundamental para compreender as trocas simbólicas entre grupos de diferentes origens, ressaltando tanto as tensões quanto as possibilidades de reconhecimento e integração em sociedades marcadas por desigualdades raciais e étnicas.

Estudo desenvolvido por Bendo (2016) aponta que estudantes africanos vivenciam experiências de constrangimento e choque cultural ao chegarem ao Brasil. Segundo Smith e Bond (1999), o choque cultural é uma condição de consciência que um indivíduo adquire ao reconhecer as diferenças entre sua cultura e a cultura de outra pessoa. A migração não implica apenas na transição para um novo território, mas também na imersão em novas regras, normas, costumes e marcos históricos, o que impacta diretamente na percepção de identidade individual e coletiva (Gonzalez-Castro et al., 2009).

Impanta (2015) destaca que o primeiro impacto vivido por muitos estudantes africanos no Brasil é de ordem racial, uma vez que, em seus países de origem, o sistema de classificação racial não é predominante, e os conflitos sociais estão mais frequentemente relacionados às diferenças étnicas e culturais. Estudantes oriundos de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé frequentemente enfrentam processos de despersonalização e homogeneização (minimização de individualidades), sendo reduzidos a uma categoria racial generalizada, que desconsidera a diversidade cultural, linguística e étnica existente entre eles (Lukelo, 2022).

Além dos desafios de adaptação cultural, esses estudantes africanos se deparam com dificuldades na interação social, o que gera um sentimento de desconforto (choque cultural) e reforça sua percepção de pertencimento a uma categoria social específica: a de “pretos” e “africanos” (Bendo, 2016). A presença desses estudantes africanos em espaços universitários e públicos frequentemente os torna alvos de preconceito, discriminação e xenofobia, sendo que, no Brasil, essas manifestações tendem a atingir seletivamente estrangeiros pretos e latino-americanos, enquanto migrantes europeus e norte-americanos brancos enfrentam menos rejeição (Oliveira, 2019; Pennetta & Neumann, 2020).

A experiência de estudantes africanos no Brasil está inserida em um contexto histórico e social marcado por assimetrias raciais. Embora o país seja frequentemente descrito como uma nação multiétnica, sua estrutura social ainda valoriza indivíduos brancos europeus em detrimento de outras categorias (Perez, 2011). Bendo (2022) denomina esse fenômeno de “pacto da branquitude”, um sistema implícito que mantém pessoas brancas em posições de privilégio, silenciando a herança escravagista e colonialista, perpetuando desigualdades sociais. É nesse cenário de

tensões raciais e dinâmicas interculturais que novos vínculos sociais são estabelecidos entre estudantes africanos e brasileiros.

Diante desse panorama, torna-se essencial compreender as representações sociais e as experiências construídas pelos estudantes africanos durante sua vivência migratória no Brasil, bem como as percepções sobre a negritude que emergem desse contexto. Este estudo também se justifica pela perspectiva do próprio pesquisador, um estudante africano de pós-graduação residente no Brasil, cuja trajetória acadêmica e vivencial contribuem para uma análise mais profunda do tema. A migração para fins educacionais envolve desafios significativos, exigindo dos estudantes o emprego de estratégias cognitivas, afetivas e sociais para lidar com novas normas, hábitos, sistemas culturais e história. Para analisar esses processos, este estudo se insere no campo da Psicologia Social, utilizando a Teoria das Representações Sociais (TRS) como referencial teórico-metodológico para compreender como os estudantes africanos percebem e interpretam sua vivência no Brasil.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS IDENTITÁRIAS

A TRS, desenvolvida por Moscovici (1961), é um dos principais marcos teóricos da Psicologia Social, pois permite compreender como conhecimentos, crenças e valores compartilhados por um grupo influenciam a forma como os indivíduos percebem e interagem com o mundo. As representações sociais são construções coletivas que orientam as práticas sociais e organizam a realidade, sendo fundamentais para a manutenção ou a transformação das relações sociais (Jodelet, 2001; Moscovici, 2007). No campo dos processos identitários raciais, essa teoria é particularmente relevante, pois ajuda a entender como categorias raciais são socialmente construídas, reforçadas ou ressignificadas ao longo do tempo (Deschamps & Moliner, 2009). A identidade racial não é apenas uma experiência individual, mas é mediada por discursos, estereótipos, preconceitos e narrativas historicamente estabelecidas, que moldam tanto a autoimagem das pessoas quanto as dinâmicas de exclusão e pertencimentos em diferentes contextos (Brasil & Cabecinhas, 2014; Deschamps & Moliner, 2009).

Representações sociais são produtos socioculturais que organizam e conferem significado à realidade compartilhada por um grupo. Elas emergem no interior das coletividades, refletindo suas características e estruturando um espaço de conhecimento comum, onde as crenças e os valores são socialmente elaborados e compartilhados (Abric, 2001). Essas representações englobam elementos distintos, como informações, crenças, opiniões, valores, atitudes, ideias, estereótipos e preconceitos, todos ancorados em um contexto social, histórico, político e ideológico mais amplo

(Abric et al., 2001; Mendonça, 2018). Sua estrutura de conhecimento se organiza em torno de um núcleo central compartilhado por um grupo de pessoas e formado por elementos cognitivos interconectados, que garantem a coerência e a estabilidade da representação (Abric, 2001; Wachelke & Wolter, 2011). Esse processo é influenciado pelo pertencimento grupal e pela consciência da posição social dos indivíduos como membros de uma categoria social específica.

A organização estrutural das representações sociais é composta por dois sistemas fundamentais: o Núcleo Central (NC) e o Núcleo Periférico (NP). O NC constitui a base da representação e é formado por elementos consensuais e amplamente compartilhados, garantindo a homogeneidade e a identidade do grupo social (Abric, 1993). Ele desempenha funções fundamentais na geração e na organização das representações, conferindo-lhes estabilidade e coerência. Como unidade estruturante, o NC determina os vínculos entre os elementos da representação, organizando-os em um sistema relativamente rígido e resistente a mudanças (Abric et al., 2001). Além disso, o NC exerce um papel essencial na definição de crenças fundamentais ao grupo, sendo um fator determinante para a continuidade e a preservação das identidades coletivas (Mazzotti, 2002).

O NP, por sua vez, desempenha um papel complementar e dinâmico dentro do sistema representacional. Ele se caracteriza pela flexibilidade e adaptabilidade, permitindo que a representação social responda às transformações do contexto social e à introdução de novas informações (Wachelke & Wolter, 2011; Polli & Wachelke, 2013). Os elementos periféricos modulam as restrições impostas pelo núcleo central, tornando possível a incorporação de mudanças e resoluções de eventuais conflitos entre a estrutura representacional e a realidade social (Abric, 1993). Assim, o NP assegura a maleabilidade da representação, permitindo sua adaptação às demandas do ambiente e às expectativas subjetivas dos indivíduos.

As representações sociais, enquanto teorias do senso comum, exercem um papel na mediação das relações sociais e na construção das identidades individuais e coletivas. No contexto das relações intergrupais, essas representações influenciam a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros, contribuindo para a categorização social e para a diferenciação entre os grupos (Deschamps & Moliner, 2009). A relação entre identidade social e representações sociais é dialética, pois ao mesmo tempo que as representações sociais influenciam a identidade dos grupos, a identidade social influencia a configuração das representações sociais, reforçando estereótipos e imagens sociais associadas a diferentes categorias sociais (Brasil & Cabecinhas, 2014).

Portanto, as representações sociais desempenham um papel crucial na compreensão das identidades sociais, pois

os grupos com os quais indivíduos se identificam e as representações que circulam sobre eles são construções históricas e culturais (Lima et al., 2018). O conceito de representações identitárias, portanto, engloba tanto as representações individuais quanto aquelas associadas aos grupos sociais (Deschamps & Moliner, 2009). Além disso, o processo de construção das representações identitárias está intrinsecamente ligado à dinâmica das representações sociais, pois as identidades individuais e coletivas são moldadas pelo compartilhamento de significados socialmente elaborados (Deschamps & Moliner, 2009; Lima et al., 2018).

As representações identitárias constituem um processo importante para a construção e a manutenção do autoconhecimento e das interações sociais. Elas possibilitam que os indivíduos compreendam sua própria identidade e reconheçam os grupos aos quais pertencem e com os quais interagem. Nesse sentido, essas construções sociocognitivas orientam as dinâmicas intergrupais e a identidade social emerge como um componente central do autoconceito, sendo definida pelo sentimento de pertencimento a um grupo e pelo significado emocional positivo atribuído a essa pertença (Tajfel, 1982; Deschamps & Moliner, 2009; Brasil & Cabecinhas, 2014; Mendonça, 2018).

Diante desse quadro teórico, e tomando como base a abordagem dinâmica e estrutural das representações sociais, o presente estudo tem como objetivo analisar a estrutura das representações sociais identitárias raciais em universitários africanos residentes no Brasil.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo cujo delineamento é descritivo, de abordagem *ex-post-facto*, com corte transversal.

## PARTICIPANTES

Participaram do estudo 161 universitários de graduação e pós-graduação nascidos no continente africano, oriundos de Angola 74 (44,7%) e Guiné Bissau 64 (41,6%), em sua maioria 131 (82,6%). São residentes no Nordeste do Brasil, com idade média de 26,47 anos ( $DP = 3,29$ ), variando entre 19 e 39 anos. São 109 (67,7 %) do sexo masculino, de três áreas do conhecimento – Humanas, Saúde e Exatas – e que se autodeclararam pretos 155 (98,1%).

## INSTRUMENTO

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico autoadministrado, realizado entre julho e agosto de 2021. A primeira seção do questionário incluía perguntas voltadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, incluindo identidade de gênero, idade, cor da

pele autodeclarada, país de origem, estado e região do Brasil onde vive, além do tempo de residência no país. Na segunda etapa, foi utilizada a Técnica de Evocação Livre de Palavras (TALP), na qual os participantes eram convidados a registrar até cinco palavras e expressões que lhes viessem à mente ao se depararem com os termos indutores: a) “o que é ser preto (a) no Brasil”; e b) “o que é ser preto (a) em seu país de origem”. Na terceira etapa, foram inseridas questões relacionadas à experiência migratória: a) agora, pense no momento em que você chegou ao Brasil, quais eventos ou experiências mais o marcaram devido ao fato de você ser preto; b) após um determinado tempo de permanência no Brasil, sua percepção do que é ser preto(a) sofreu alguma alteração?

## COLETA DE DADOS

O questionário eletrônico foi hospedado na plataforma UFSurvey. Antes de iniciar a participação, os respondentes foram informados sobre o objetivo do estudo e precisaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os convites para a pesquisa foram enviados por meio de e-mails e redes sociais (WhatsApp, Instagram e Facebook). Além disso, foi empregado o método “bola de neve”, no qual os participantes compartilharam o link do questionário com outros africanos de sua rede de contatos que já conheciam. Todos os procedimentos adotados seguiram as orientações estabelecidas no Ofício Circular nº 2/2021-CONEP/SECNS/MS para pesquisas conduzidas em ambiente virtual. O projeto foi submetido e avaliado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com parecer favorável número 43748721.2.0000.5686.

## PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Tendo como base a TRS, os dados da associação livre de palavras foram analisados por meio da técnica de análise prototípica com o diagrama dos quatro quadrantes. Já as experiências vividas foram analisadas a partir da análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), ambas com o auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) na versão 0.7.

A análise prototípica se configura no cálculo da Frequência de Evocações (Freq.), sua Ordem Média de Evocações (OME) e ordem de importância (Polli & Wachelke, 2013; Wachelke & Wolter, 2011). Os elementos evocados são organizados e divididos dentro de um diagrama de quatro quadrantes. No primeiro, a Zona de Núcleo Central (ZNC), estão situados os elementos +frequentes/+salientes; no segundo, a primeira periferia, os elementos +frequentes/-salientes; no terceiro, a zona de contraste, estão os elementos -frequentes/+salientes; e no quarto, a segunda

periferia, estão os elementos –frequentes/–salientes (Sousa, 2021).

A análise da CHD, ou método de análise CHD, consiste na classificação dos Segmentos Textuais (ST) de acordo com os seus respectivos vocabulários, repartindo o conjunto em função da coocorrência das formas lexicais (Camargo & Justo, 2013).

## RESULTADOS

### QUE É SER PRETO NO BRASIL PARA ESTUDANTES AFRICANOS EM INTERCÂMBIO NO BRASIL?

Quando analisamos as representações sociais do que é ser preto no Brasil na visão dos estudantes africanos, obtivemos 774 evocações. Para análise e interpretação de dados, foi empregada uma ordem média e uma frequência absoluta para melhor compressão das evocações.

Na Tabela 1, são apresentados os elementos estruturantes da representação do “que é ser preto no Brasil” na visão dos estudantes africanos no Brasil.

Na ZNC, encontraram-se os principais elementos das representações sociais. Esse quadrante se destaca por seus elementos serem os mais frequentes, mais salientes e mais rapidamente ativados. Tais elementos podem ser considerados coletivos, por serem muito evocados (Sá, 2002). As expressões que qualificaram esse primeiro quadrante foram “pobre”, “racismo”, “discriminado”, “inferior”, “ladrão” e “forte”. No segundo quadrante, primeira periferia, diferentemente dos elementos da ZNC, que são mais estáveis e rígidos à mudança, foram apresentados os elementos mais particulares, flexíveis e passíveis de mudança (Abric et al., 2001). Elementos que caracterizam as representações individuais e ocupam um papel importante entre os elementos periféricos devido à alta frequência de evocações. Os elementos mais presentes nesse quadrante foram: “preconceito”, “resistência”, “luta”, “bandido”, “desigualdade” e “favelado”.

Elementos pouco frequentes e muito salientes compõem a zona de contraste da representação. Nesse terceiro quadrante aparecem os elementos que podem vir a ser uma ameaça ao NC. São elementos individuais importantes que ainda não passaram pelo processo de consenso e difusão, porém, devido à sua importância, têm potencial de transformação da estrutura das representações sociais. Neste estudo, os elementos se encontram associados às expressões: “diferente”, “corajoso”, “africano”, “identidade” e “origem africana”. Finalmente, na segunda periferia, quarto quadrante, estão situados os elementos de frequência reduzida e pouca importância percebida, constituída pelos elementos: “escravo”, “marginal”, “incapaz”, “miserável” e “injustiçado”. Elementos mais emancipados da

representação, devido à sua autonomia em relação ao NC, que é mais hegemônico (Cabecinhas, 2004).

**Tabela 1. Estrutura das representações sociais sobre a percepção do que é ser preto no Brasil por estudantes africanos em intercâmbio no Brasil**

Zona do Núcleo Central			Primeira periferia		
Freq. >= 10,65	OME <= 2,76		Freq. >= 10,65	OME > 2,76	
Pobre	58	2,5	Preconceito	32	2,9
Racismo	39	2,5	Resistência	18	2,9
Discriminado	22	2,0	Luta	15	3,3
Inferior	19	2,4	Bandido	14	2,9
Ladrão	14	2,6	Desigualdade	12	3,0
Forte	11	2,5	Favelado	11	3,5
Contraste			Segunda periferia		
Freq. < 10,65	OME <= 2,76		Freq. < 10,65	OME > 2,76	
Diferente	10	2,3	Escravo	10	3,2
Corajoso	10	2,7	Marginal	9	3,9
Africano	7	1,4	Incapaz	7	3,4
Identidade	7	2,0	Miserável	6	3,7
Origem africana	6	1,8	Injustiçado	6	3,7

Legenda: Frequência de Evocações (Freq.), Ordem Média de Evocações (OME).

Foi observado que os principais elementos que caracterizam as representações sociais (NC, primeira e segunda periferias) sobre o que é ser preto no Brasil estão associados aos estereótipos negativos. Dado que os elementos do NC são os mais frequentes e mais prontamente lembrados, é possível inferir que fazem parte de um conjunto de ideias amplamente compartilhadas na sociedade, ou seja, um repertório coletivo (Sá, 2002). Considerando que as representações sociais são crenças socialmente compartilhadas acerca de um grupo, pode-se supor que essas crenças prescrevem atitudes e comportamentos, favorecendo ou dificultando o contato intergrupais (Deschamps & Moliner, 2009). Nesse contexto, a imagem negativa que prevalece na sociedade brasileira e que é incorporada ao repertório representacional dos estudantes africanos durante o processo de socialização é demarcada pela tomada de consciência do preconceito, da discriminação racial e do racismo estrutural presente em nossa sociedade (França, 2023).

Dentre os elementos que compõem o NP, destacam-se aqueles que têm o potencial de ameaçar ou desafiar o NC no que diz respeito à transformação e alteração. Entre esses elementos, encontramos os aspectos mais positivos que

caracterizam essa representação. Pode-se supor que, entre os estudantes africanos, a representação ou a concepção de ser preto no Brasil esteja passando por um processo de transformação.

As expressões da primeira periferia apresentam uma dimensão afetiva predominantemente negativa em relação à vivência e à experiência do que é ser preto em uma cultura diferente e no contexto do contato social entre brasileiros e africanos. Isso se evidencia pela presença de termos como “sofrer preconceito”, “ter resistência”, “luta”, “ser considerado bandido”, “presenciar desigualdade” e “ser visto como incapaz” (Abric, 2001; Sá, 1996).

## O QUE É SER PRETO EM SEU PAÍS DE ORIGEM PARA OS ESTUDANTES AFRICANOS EM INTERCÂMBIO NO BRASIL?

Ao examinar as representações sociais sobre ser preto em seu país de origem, segundo a perspectiva dos estudantes africanos, encontramos 774 evocações. Para a avaliação e a compreensão dos dados, foi empregada uma ordem média e uma frequência absoluta para melhor evolução das evocações.

Na Tabela 2, estão expostos os componentes fundamentais da representação sobre ser preto em seu país de origem, segundo a perspectiva dos estudantes africanos residentes no Brasil.

No que se refere ao termo indutor que descreve o que é “ser preto em seu país de origem”, os estudantes evocaram expressões carregadas de sentido e significado positivos. Os elementos da ZNC que compõem a estrutura das representações sociais do que é ser preto em seu país de origem incluem palavras como “comum”, “africano”, “normal”, “forte”, “orgulho”, “identidade”, “humano”, “livre” e “resistência”. Na primeira periferia, os elementos principais são “igualdade”, “batalhador”, “trabalhador”, “inteligente” e “luta”. Os elementos de contraste da representação foram “alegria”, “beleza”, “cidadão” e “pertencimento”. Por último, os elementos da segunda periferia incluem “amor”, “liberdade”, “família”, “respeito”, “guerreiro”, “capaz”, “preto”, “representatividade” e “inclusão” (ver Tabela 2).

Percebe-se que os principais elementos que caracterizam as representações sociais (NC, primeira e segunda periferias) sobre o que é ser preto em seu país de origem estão relacionados a elementos que caracterizam sua identidade racial, história, origem e evolução de suas culturas, que passaram de tribos para nação. Na zona de contraste, encontramos elementos positivos, como a autopercepção sobre o corpo e a aceitação de si mesmo, indicando uma visão mais positiva sobre os corpos negros. Destarte, é importante destacar que os participantes do estudo responderam a dois termos indutores, e isso permitiu observar os elementos ativados de forma comparativa. Em contraste com o primeiro termo evocado, “ser preto no Brasil”, os elementos que compõem o NC de “ser preto em seu país

de origem” manifestam uma forte carga afetiva positiva. Isso demonstra que a centralidade das representações sociais não é a mesma, podendo variar conforme o contexto e sugerindo uma diferença na importância atribuída a essas representações em diferentes situações.

**Tabela 2. Estrutura das representações sociais do que é ser preto em seu país de origem por estudantes africanos em intercâmbio no Brasil**

Zona do Núcleo Central		Primeira periferia	
Freq. >= 8,62	OME <= 2,71	Freq. >= 8,62	OME > 2,71
Comum	23 2,4	Igualdade	16 3,2
Africano	22 2,5	Batalhador	12 3,0
Normal	19 1,8	Trabalhador	12 3,1
Forte	16 2,0	Inteligente	10 3,4
Orgulho	15 2,1	Luta	10 3,4
Identidade	15 2,1		
Humano	14 2,2		
Livre	11 2,5		

Contraste		Segunda periferia	
Freq. < 8,62	OME <= 2,71	Freq. < 8,62	OME > 2,71
Alegria	5 2,6	Amor	8 2,9
Beleza	5 2,6	Liberdade	8 3,2
Cidadão	5 2,6	Família	8 2,8
Pertencimento	4 2,2	Respeito	6 2,8
		Guerreiro	5 3,4

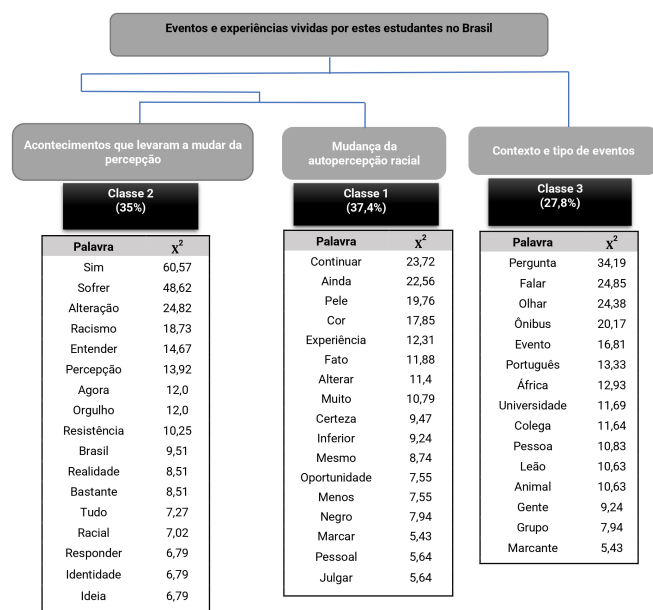
Legenda: Frequência de Evocações (Freq.), Ordem Média de Evocações (OME).

## ANÁLISE CHD DAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO BRASIL ENQUANTO ESTUDANTE AFRICANO

A fim de melhor qualificar as representações sociais do que “é ser preto e africano no Brasil”, a partir dos relatos de eventos e experiências vividas por esses estudantes africanos em solo brasileiro, considerando o tempo que vivem no Brasil, realizou-se uma análise CHD utilizando o programa Iramuteq. Foi analisado um *corpus* de 160 textos, cujo conteúdo foi distribuído em 319 Seguimento de Texto (ST), contemplando a retenção de 286 ST (89,66%). Emergiram 7.358 ocorrências, 1.590 palavras diferentes e 966 tiveram uma única ocorrência. O procedimento CHD produziu três classes, que se organizaram em dois eixos principais. O primeiro eixo dividiu-se em dois subeixos compostos pelas classes 1 e 2, que foram assim nomeadas: “percepção racial”. O segundo eixo foi composto pela classe 3, denominada “eventos e experiências” (ver Figura 1). De acordo com os

resultados produzidos, o tempo de permanência no Brasil não produziu nenhuma diferenciação significativa nos conteúdos emergidos entre as classes, exceto na classe 1, na qual houve uma sobreposição mínima de conteúdo entre os estudantes com mais tempo de permanência no Brasil.

**Figura 1. Dendrograma: relato das experiências e da percepção do que é ser preto no Brasil**



A interpretação por classe indicou que a classe 1 corresponde a 37,4% (f = 107 ST) do corpus total analisado, cujos conteúdos giram em torno da mudança na percepção racial. São conteúdos alusivos à tomada de consciência no que tange à própria cor da pele dos africanos após chegarem ao Brasil, fazendo com que passassem a se ver e a se reconhecer como indivíduos pretos. Isso trouxe consigo uma compreensão mais profunda do significado dessa pertença categorial racial no contexto brasileiro. A vivência proporcionou uma tomada de consciência de sua pertença categorial racial na diáspora, algo que muitos deles nunca haviam experimentado, uma vez que em seus países de origem a maioria da população é preta e as questões raciais não eram debatidas. Nos relatos, eles destacam o contraste, observando que, no Brasil, a questão racial é tema recorrente nas práticas e nos discursos do cotidiano. Isso se evidencia, por exemplo, nas seguintes falas:

*"Sim, sofreu muita alteração. Primeiro é que em Angola eu não via tanta diferença entre ser ou não ser negro, e quando cheguei aqui no Brasil o assunto que mais percorre na sociedade é sobre racismo, eu aprendi a conviver com a ideia..."* (Masculino, há dois anos no Brasil)

*"Sofreu sim, como respondi no questionário anterior, ser preto no*

*Brasil é ser alvo de abusos do poder, racismo, preconceito etc. Não é fácil ser preto num país racista que diz não ser racista na sua Carta Magna de 1988, mas a realidade é diferente."* (Feminino, há três anos no Brasil)

A classe 2 comporta 35% (f = 100 ST) do total do corpus analisado. Por pertencer ao mesmo eixo da classe 1, seu conteúdo está alinhado à percepção acerca do que é ser preto(a). O conteúdo dos vocábulos dessa classe também demonstra que a mudança de percepção racial tem início na tomada de consciência do grupo de pertença, uma conscientização que emerge da interação intergrupla, das experiências sociais e práticas entre africanos e brasileiros. Isso levou os participantes a se perceberem como grupo ou categoria social, isto é, africano, o que adquire um novo sentido e significado construído e compartilhado socialmente no contexto brasileiro, distinto de seus países de origem. Tal percepção parece se intensificar com o tempo de permanência no Brasil. Quanto mais tempo vivem no Brasil, mais sentem que são julgados com base em sua cor da pele, que são vistos como inferiores ou incapazes, e que a cor da pele influencia nas práticas sociais e na interação social. Portanto, sentem a necessidade de estar em constante vigilância, como pode ser constatado nos seguintes relatos: *"Não. Infelizmente, ainda é lamentável a forma como a cor fala mais alto que a personalidade. No Brasil não existe preconceito? O Brasil é um país preconceituoso"* (Masculino, há três anos no Brasil).

*"Desde a minha chegada ao Brasil até o momento, a única experiência que mais me marcou pelo fato de eu ser preto foi o preconceito racial que vivi no ônibus. Algumas senhoras não aceitavam sentar comigo por causa da minha cor da pele e como se não pudesse estar aí."* (Masculino, há sete anos no Brasil)

A classe 3 concebe 27,8% (f = 79 ST) do corpus total sujeito à análise. O vocábulo da classe 3 complementa os conteúdos das outras duas classes. Isso ocorre porque a autopercepção racial passa pela vivência de eventos e experiências que, por sua vez, dependem de um ambiente social. Além disso, essa classe inclui elementos relacionados ao continente africano que, de acordo com os participantes, frequentemente emergem de forma negativa ou pejorativa. Desse modo, as experiências vividas pelos participantes são frutos da interação com os brasileiros em ambientes públicos, como na universidade, no transporte público e no bairro onde residem, cujas experiências estão intrinsecamente vinculadas às questões raciais, como evidenciado nos relatos e na Figura 1: *"Perguntas como 'você é descendente de escravos?', 'no seu país tem muita gente com fome?', 'você veio aqui nadando?'"* (Masculino, há oito anos no Brasil).

*"Quando cheguei aqui no Brasil, por ser negra, sofri muita discriminação, principalmente na rua, nos ônibus, mas na universidade é pouco visível. Parece que ali as pessoas já sabem o que significa ser negro ou negra, mas na rua a situação é muito diferente."* (Feminino, há cinco anos no Brasil)

Dessa forma, por meio do contato com a esfera social, os participantes conseguiram ter acesso a uma compreensão

mais profunda das crenças socialmente compartilhadas do lugar do preto na sociedade brasileira. Isso inclui a percepção dos estereótipos, dos preconceitos, da discriminação e do racismo presentes nas interações cotidianas, bem como da falta de conhecimento sobre o continente africano, sua rica diversidade cultural e características geográficas. Além disso, emergiram ideias pejorativas associadas ao africano e ao continente, com uma visão de uma África selvagem, subdesenvolvida, onde seres humanos e animais coexistem pacificamente em ambientes como savanas e florestas densas. Essa representação também inclui a ideia de que a África é um lugar de miséria e conflitos, conforme relatos de alguns participantes: *"Saber que alguns brasileiros pensam que África é país e que lá só tem miséria, fome e morte."* (Masculino, há três anos no Brasil); *"Tipo assim, foi algumas perguntas estranhas, do tipo 'você vieram de navio negreiro?', 'Lá na África vocês vivem com leões?'"* (Masculino, há cinco anos no Brasil).

## DISCUSSÃO

Este artigo teve como objetivo analisar a estrutura das representações sociais identitárias raciais em universitários africanos residentes no Brasil. Os elementos candidatos ao NC da representação acerca do que é ser preto no Brasil se estruturaram a partir das expressões "ser pobre", "sofrer racismo", "ser discriminado", "ser visto como inferior", "ladrão" e "ser forte", expressões condizentes com estudos anteriores sobre estereótipos raciais realizados com brasileiros (Almeida, 2014; Batista et al., 2014; Techio et al., 2019). Isso sugere que essas representações raciais, tendo como base os estereótipos, circulam amplamente no cotidiano, logo, essas representações foram aprendidas e incorporadas ao repertório dos estudantes africanos, auxiliando na compreensão cognitiva da imagem que prevalece sobre os afro-brasileiros.

Por outro lado, a organização do NC, para o termo "ser preto em seu país de origem", se deu em torno das palavras "ser comum", "ser africano", "ser normal", "ser forte", "ter orgulho", "ter identidade", "ser um ser humano", "ser livre" e "ter resistência". Essa representação identitária racial coloca em evidência que ser preto em África é comum, é normal, e que basta nascer na África para ser preto. Ademais, as evocações ressaltam os aspectos positivos dessa pertença grupal ao se sentirem pertencentes, orgulhosos, o que os levam a valorizar normas, crenças e valores do grupo (Deschamps & Moliner, 2009; Tajfel, 1982).

Ambos os termos apresentaram conteúdos que implicam interpretações, sentidos e significados diferentes. Abric (1993) apontou que o NC de uma representação social é constituído diretamente por questões históricas, ideológicas, sociológicas e pelas normas que regem essas pessoas. Nesse sentido, imagens construídas em torno de estereótipos

e que, segundo Deschamps e Moliner (2009), desempenham um papel fundamental na configuração da estrutura das representações intergrupais, fornecem uma base sociocognitiva na aquisição de conhecimento e crenças, bem como nas práticas sociais.

A compreensão dos conteúdos das representações evocadas sobre o que é ser preto no Brasil é ancorada no processo histórico racial, social e ideológico que, segundo de M. Oliveira (2004) e Bento (2022), é uma consequência da produção social, cultural e política que desvaloriza todas as categorias sociais não brancas. Nesse modo, as representações identitárias têm suas raízes no período da colonização e da chegada forçada de homens e mulheres de vários reinos africanos para o Brasil (Pinsky, 1992; Schwarcz & Starling, 2015), bem como nas relações intergrupais cotidianas vivenciadas pelos africanos em intercâmbio no território brasileiro.

Ademais, os resultados demonstram que a experiência migratória no Brasil provocou mudanças significativas na autopercepção racial, na autoclassificação racial e na autoimagem, uma vez que ser preto no Brasil é atravessado por processos históricos e práticas sociais cotidianas. Essas mudanças são fruto do processo de socialização que envolve vários atores e agentes sociais (França, 2023). Os contatos com esses agentes e atores sociais são os responsáveis pela criação e formação dos elementos representacionais acerca do que é ser preto no Brasil, levando em conta que as representações sociais são estruturas de conhecimento sobre temas da vida social, compartilhadas entre os membros de um grupo por meio do processo de comunicação, e que se ancoram nos sistemas de valores e normas sociais partilhados (Abric, 2001; Jodelet, 2003; Moscovici, 2007).

Ao manterem contato com os brasileiros, mediante a exposição de uma imagem negativa dos negros associada às experiências negativas pessoais e coletivas de discriminação, preconceito, abordagem policial desnecessária, menosprezo devido à origem e à cor, contribuíram de forma significativa na estruturação da representação em torno do que "é ser preto no Brasil", bem como na ativação de emoções intergrupais negativas, como indiferença, desconforto, desconfiança, insegurança e medo. A tomada de consciência dos conflitos raciais e a forma de tratamento que as pessoas não brancas recebem no Brasil têm um impacto significativo na identidade pessoal e grupal dos africanos no Brasil, conforme apontam nossos dados e estudos desenvolvidos por Bendo (2016), Kaly (2000) e Mungoi (2012).

Nossos dados, de forma similar aos achados por Mungoi (2012), evidenciam que os estudantes africanos percebem atos de discriminação racial ao entrarem em shoppings, supermercados, lojas ou meios de transportes. Na percepção dos estudantes, a discriminação, mesmo não sendo explícita, mediante microagressões, vem de qualquer indivíduo

independentemente da classe social, de lugares comuns, como na universidade, em sala de aula, nos mercadinhos, no ônibus e no seu bairro, a exemplo: *“Uma brasileira recusou andar no táxi porque havia um preto no carro. Somente eu estava no táxi e no banco de trás”* (masculino, há quatro anos e meio no Brasil); *“Uma dona de casa recusou me alugar seu apartamento porque sou preto africano. Discriminação no atendimento público, uma vez no centro de saúde”* (masculino, há três anos no Brasil). São discursos que evidenciam a presença do racismo estrutural, que se manifesta de forma sistemática e muitas vezes naturalizada nas práticas cotidianas, refletindo desigualdades profundas enraizadas nas instituições e nas relações sociais (Griffiths et al., 2012; Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2022). Claramente, o racismo estrutural opera de maneira difusa e persistente, moldando interações diárias e reforçando desigualdades históricas.

Essas experiências migratórias passam a ser centrais e têm forte impacto na sua adaptação cultural, na tomada de consciência do que é ser preto, levando em consideração que, em seus países de origem, o debate racial não faz parte de suas práticas ou relações cotidianas (Oliveira, 2004; Bendo, 2016). Bendo (2016) constatou que ser africano no Brasil é ser constantemente discriminado e ouvir palavras desagradáveis sobre o seu lugar de origem. O ato de sofrer discriminação e preconceito tem um impacto direto na saúde mental e no bem-estar dos imigrantes (Becker & Borges, 2015), impacto mais acentuado quando essa experiência migratória é atravessada pela questão étnica/racial, dificultando o processo de aculturação. Os estrangeiros com traços étnicos visíveis encontram maior dificuldade em adaptar-se à cultura hospedeira, o que o faz se sentir discriminado (Tan & Liu, 2014).

Para Moscovici (2007, p. 54) “[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade”. Representações que se configuram como um processo dinâmico, fruto da comunicação, possibilitando o surgimento de novos elementos e a incorporação de novos significados, mediados pelos processos de ancoragem e objetivação. Nesse contexto, no processo migratório, novos contatos interculturais são facilitados (Brasil & Cabecinhas, 2014), possibilitando a transformação de imagens e ideias de algo estranho, diferente, não familiar, em familiar, ou seja, uma transformação do que é ser preto no imaginário brasileiro para o africano.

A mudança da representação social, fruto do processo da socialização, foi verificada nos relatos dos participantes: *“Sim, antes de ir ao Brasil ser preta era algo normal, ou seja, não ficava mal por ser chamada de ‘preta’ ou ‘morena’. Mas ao chegar aqui ser preto(a) significa luta e resistência”* (feminino, há três anos no Brasil); *“[...] pois vindo de um país africano onde a maioria da população é negra, muitas situações como*

*racismo, xenofobia, homossexualidade, por serem estranhos para mim, decerto, alteraram a minha forma de enxergar as coisas”* (masculino, há dois anos no Brasil).

As representações sociais, cuja função também é identitária, contribui para a definição de identidades pessoais e sociais mediante o processo de comparação social (Abric, 2001; Brasil & Cabecinhas, 2014; Sousa & Chaves, 2023). Desse modo, no processo de comparação social os indivíduos constroem suas identidades ao compartilharem representações sobre os grupos de pertença e sobre os de não pertença. As representações evocadas acerca do que é “ser preto no Brasil”, comparadas com as representações sobre o que é “ser preto em seu país de origem”, indicaram que os estudantes africanos têm representações distintas em que valorizam o seu próprio grupo, sua autoimagem grupal e se afastam da imagem que circula sobre os afro-brasileiros, mesmo aqueles que se reconhecem como pretos. Nesse caso, a identidade grupal saliente e que valorizam é a africana, como forma de diferenciação grupal, distanciando-se das imagens negativas dos pretos no Brasil. Resultado similares aos achados por Asante et al. (2016), com estudantes africanos nos Estados Unidos que valorizam a sua origem destacando uma imagem positiva do Nesse sentido, como estratégia de se distanciar dos afro-americanos outgroup, mantendo, assim, uma autoestima coletiva positiva (Tajfel, 1982).

Ser preto é uma construção social que vai além da cor da pele. É carregada de significados (Pinto & Ferreira, 2014) e a experiência imigratória de negros africanos em intercâmbio no Brasil passa por diversos processos de acomodação do que tange às hierarquias, aos valores e às visões de mundo ao entrar em contato com a nova realidade (Gusmão, 2011a). Nesse sentido, os estudantes africanos, por causa da sua cor da pele, são classificados como pretos (afro-brasileiro), porém distanciam-se cognitivamente da categoria racial ao salientar a categoria africano, em vez da raça, afastando-se da representação social negativa dos afro-brasileiros, preservando a identidade racial positiva. Resultados similares aos encontrados por Mungoi (2012), em que se verificou que estudantes africanos, ao interagirem com os brasileiros, fazem questão de ressaltar sua origem, demarcando as diferenças categoriais.

A tomada de consciência racial e as experiências individuais e coletivas que tiveram ao longo do processo de interação social com diferentes atores dentro e fora do meio acadêmico possibilitou aos estudantes africanos perceberem que a cor da pele os coloca em um lugar sem prestígio na sociedade brasileira, lugar que não coincide com a realidade de seus países. Ser identificado com negro é estar sujeito a um olhar que lembra que você é negro, isto é, “[...] o fato de ser negro nunca é esquecido e todas as suas inúmeras outras características são postas de lado diante da lembrança de sua pertença racial” (Pinto & Ferreira, 2014, p. 262). Ser preto

no Brasil é, antes de tudo, ser preto. Toda e qualquer ação é ancorada no fato de ser preto.

Diante do exposto, podemos inferir que as representações sociais do preto no Brasil impactaram na identidade racial dos estudantes africanos em intercâmbio estudantil, a partir do momento em que passaram a ser e a viver em uma sociedade racializada. Em suma, os estudantes africanos ressignificam a si mesmos, sua percepção como indivíduos e o tipo de categoria à qual pertencem enquanto pretos na diáspora. Experiências de ressignificação das identidades pessoal e social (Deschamps & Moliner 2009).

## DISCUSSÃO

Este artigo identificou que as representações sociais sobre ser preto e africano no Brasil e ser preto em seu país de origem se estruturam em duas dimensões antagônicas. Na dimensão atitudinal negativa, encontram-se os elementos evocados sobre ser preto no Brasil, e na dimensão atitudinal positiva, os termos evocados sobre ser preto em África, indicando uma evidente identificação de pertença e de valorização do *ingroup* em detrimento do *outgroup* (brancos). Tal dicotomia nas representações podem ter sofrido efeitos do método de pesquisa utilizado, bem como da coleta, levando em conta que esta foi *on-line*, de modo que os participantes responderam ao mesmo tempo os dois termos indutores, configurando-se como uma limitação do estudo. Para uma pesquisa futura, destaca-se a necessidade da realização de estudos futuros com uma amostra maior e que possa permitir a confirmação da centralidade da representação social sobre ser preto no Brasil, lacuna que a presente pesquisa não conseguiu preencher.

Devido ao legado da escravidão, as questões raciais são centrais no Brasil porque a estrutura social, econômica e política do país foi historicamente construída sobre a desigualdade racial. Portanto, discutir e enfrentar tais questões não é apenas uma necessidade histórica, mas também uma demanda urgente para garantir justiça social. Para aprimorar a experiência dos estudantes africanos, é fundamental que as instituições de ensino superior desenvolvam políticas de acolhimento e suporte. Recomenda-se a implementação de programas de apoio psicossocial e acadêmico especializados com mentores sensíveis às questões raciais e redes de apoio comunitário, bem como a criação de canais institucionais para denúncias de discriminação.

Além disso, as universidades devem promover a capacitação de docentes e funcionários sobre diversidade e racismo, bem como criar disciplinas, eventos e campanhas antirracistas para conscientização da comunidade acadêmica. Também é essencial elaborar cartilhas informativas, abordando as principais demandas sociais e raciais, incluindo inclusão, racismo estrutural e direitos

estudantis. Outra ação importante é fomentar a integração entre estudantes africanos e a comunidade local, por meio de projetos sociais, eventos culturais e grupos de estudo, fortalecendo laços e combatendo o isolamento. Dessa forma, as universidades podem desempenhar um papel ativo na promoção da equidade racial e no fortalecimento do pertencimento dos estudantes africanos ao ambiente acadêmico brasileiro e social.

## CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

H.L. contribui para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; E.T e A.M. foram responsáveis pela análise; e E.T. foi a responsável pela revisão final do artigo.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos que contribuíram direta ou indiretamente para elaboração desse trabalho.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

## DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de mestrado do primeiro autor com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.549956/2020-00.

## REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1993). Central System, Peripheral System: Their Functions and Roles in the Dynamics of Social Representations. *Papers on Social Representations*, 2(2), 75-78.
- Abric, J. C. (2001). *Prácticas Sociales y Representaciones*. Ediciones Coyoacán.
- Asante, G., Sekimoto, S., & Brown, C. (2016). Becoming "Black": Exploring the racialized experiences of African immigrants in the United States. *Howard Journal of Communications*, 27(4), 367-384. <https://doi.org/10.1080/10646175.2016.1206047>
- Almeida, J. B. L. (2014). A invenção dos outros: Estereótipos étnicos, raciais e regionais no Brasil e na Espanha [Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6983?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6983?locale=pt_BR)
- Batista, J. R. M., Leite, E. L., Torres, A. R. R., & Camino, L. (2014). Negros e Nordestinos: Similaridades nos estereótipos raciais e regionais. *Revista Psicologia Política*, 14(30), 325-345. <https://search.bvsalud.org/gim/resource/en/lil-765957>

- Becker, A. P. S., & Borges, L. M. (2015). Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 35(88), 126-144. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-66639>
- Bendo, M. D. L. (2016). *Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Basileira]. <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/654>
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Berry, J.W. (1992). Acculturation and Adaptation in a New Society. *International Migration*, 30, 69-85. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.1992.tb00776.x>
- Berry, J. W., Poortinga, Y., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). *Cross-cultural psychology: Research and applications*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511974274>
- Berry, J., Poortinga, Y., Breugelmans, S., Chasiotis, A., & Sam, D. (2011). *Cross-cultural psychology*. Research and applications (3ª ed.). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Birol, A. P. J. (2017). Adaptação de estrangeiro. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Orgs.), *Dicionário crítico de migrações internacionais* (pp. 45-49). Editora UnB. <https://doi.org/10.7476/9788523013400>
- Brasil, J. A., & Cabecinhas, R. (2014). Processos identitários, representações sociais e migrações: reflexões sobre a identidade latino-americana. *Anais das III Jornadas Doutoras, Ciências da Comunicação e Estudos Culturais*. Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/65022>
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125-137. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003>
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <https://doi.org/10.9788/tp2013.2-16>
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: Volume 1*. <https://site.cfp.org.br/publicacao/psicologia-brasileira-na-luta-antirracista-volume-1/>
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais*. Vozes.
- França, D. X. de. (2023). A socialização. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio, & L. Camino (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e teorias* (pp. 355-404). Blucher. <https://doi.org/10.5151/9786555502046-11>
- Gonzalez-Castro, J. L, Ubillos, S., Bilbao, M. A. & Basabe, N. (2009). A focus-group research into the lives of members of four immigrant groups in Spain. *International Journal of Social Psychology*, 24(3), 381-398. <https://doi.org/10.1174/021347409789050605>
- Gusmão, N. M. M. de. (2011a). África e Brasil no mundo acadêmico - diálogos cruzados. *Anais do COOPEDU - Congresso Portugal e os PALOP Cooperação na Área da Educação*. Instituto Universitário de Lisboa.
- Gusmão, N. M. M. de. (2011b). "Na Terra do Outro": Presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. *Dimensões*, 26, 191-204. <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2568/2064>
- Galinkin, A. L., De Oliveira A. A. M., & Anchieta, V. C. C. (2012). Representações Sociais de Professores e Policiais sobre Juventude e Violência. *Paideia*, 22(53), 365-374. <https://doi.org/10.1590/1982-43272253201308>
- Impanta, I. A. (2015). *Estudantes Guineenses na UNILAB, Ceará, Brasil: Coexistência, representações interétnicas e questões de gênero* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Basileira]. <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/170>
- Jodelet, D. (2001). Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (pp. 45-78). Les Presses universitaires de France. <https://doi.org/10.3917/puf.jodel.2003.01.0045>
- Kaly, A. P. (2000). Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial. *Anais do Seminário Migrações Internacionais: contribuições para Políticas*. Comissão Nacional para o Desenvolvimento da População (CNDP).
- Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. (2017, 24 maio). Institui a Lei da Migração. Presidência da República.
- Lima, M. E. O., Silva, P. da, Carvalho, N. C., & Farias, L. C. M. (2018). Identidade nacional e confiança nas instituições em contexto de crise no Brasil. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 205-222. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.33557>
- Lukelo, H. H. (2022). *Ser preto no Brasil: representações sociais de estudantes universitários africanos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36123>
- Mazzotti, A. J. A. (2002). A abordagem estrutural das representações sociais. *Psicologia da Educação*, 14/15, 17-37. <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/31913>
- Mendonça, A. P. (2018). *Pensamento Social acerca das Viagens: Relações intergrupais e status* [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/16607>
- Ministério das Relações Exteriores. (2025). *Programa de Estudantes-Convênio de Graduação*. <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre>
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social* (5ª ed.). Vozes.
- Mungoi, D. M. D. C. J. (2012). Ressignificando identidades: Um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38), 125-139. <https://doi.org/10.1590/s1980-85852012000100008>

- Oliveira, F. (2004). Ser negro no Brasil: Alcances e limites. *Estudos Avançados*, 18(50), 57-60. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>
- Oliveira, M. S. de. (2004). Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(55), 180-186. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014>
- Oliveira, L. M. (2019). Imigrantes, Xenofobia e Racismo: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22442>
- Pennetta, G. A., & Neumann, M. M. (2020). Xenofobia e racismo com os imigrantes haitianos no Brasil: Uma perspectiva analítica. *Anais da XV Jornada de Iniciação Científica e IX Mostra de Iniciação Tecnológica*. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Perez, C. (2011). Condições antropológicas do negro na publicidade contemporânea. In L. L. Batista, F. Leite (Orgs.), *O negro nos espaços publicitários brasileiros: Perspectivas contemporâneas em diálogo* (pp. 61-84). ECA/USP; Coordenadoria dos Assuntos da População Negra. <https://doi.org/10.11606/9788572050869>
- Pinsky, J. (1992). *Escravidão no Brasil*. Editora Contexto.
- Pinto, M. C. C., & Ferreira, R. F. (2014). Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(2), 256-266. [http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/933](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/933)
- Polli, G. M., & Wachelke, J. (2013). Confirmação de centralidade das representações sociais pela análise gráfica do questionário de caracterização. *Temas em Psicologia*, 21(1), 97-104. <https://doi.org/10.9788/TP2013.1-07>
- Sá, C. P. de. (1996). Representações Sociais: Teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, 4(3), 19-33. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1996000300002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1996000300002&script=sci_arttext)
- Sá, C. P. de. (2002). *Núcleo central das representações sociais* (2ª ed.). Vozes.
- Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: Uma biografia* (2ª ed.). Companhia das Letras.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1999). *Social psychology: Across cultures* (2nd ed). Allyn & Bacon.
- Souza, O. R., & Malomalo, B. (2016). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. *Interfaces Brasil/Canadá*, 16(1), 256-293. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/interfaces/articula/view/7731>
- Sousa, Y. S. O. (2021). O uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para pesquisas qualitativas. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 21(4), 1541-1560. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.64034>
- Sousa, Y. S. O., & Chaves, A. M. (2023). Representações sociais. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio, & L. Camino (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e teorias* (pp. 277-306). Blucher. <https://doi.org/10.5151/9786555502046-08>
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais - I* (L. Amâncio, Trad.). Livros Horizonte. (Trabalho original publicado em 1981)
- Tan, S. A., & Liu, S. (2014). Ethnic visibility and preferred acculturation orientations of international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 39, 183-187. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2013.08.011>
- Techio, E. M., Leite, E. L., Silva, R. P. da., & Torres A. R. R. (2019). El contenido estereotípico y el discurso acerca del prejuicio racial en Bahía. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(1), 179-194. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6158>
- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. (2024). *Unilab em Números*. <https://unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017>

Recebido em: 28/02/2024

Primeira decisão editorial em: 20/01/2025

Aceito em: 11/03/2025